Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968)

Raphael Rajão Ribeiro¹

¹ Doutorando pelo CPDOC/FGV. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação História da UFMG. Atua no Museu Histórico Abílio Barreto. E-mail: raprajao@gmail.com.

Women's football
in times of
prohibition: the
case of the matches
Vespasiano vs.
Oficina (1968)

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73995>

Resumo:

O presente artigo investiga a promoção de uma série de jogos entre duas equipes femininas, *Vespasiano* e *Oficina*. As partidas se realizaram na pequena cidade de Vespasiano, vizinha à capital mineira Belo Horizonte, no ano de 1968. Ocorridas em um momento de aprofundamento da proibição da prática do futebol por mulheres no Brasil, que fora vedada expressamente pelo Conselho Nacional de Desportos em 1965, essas disputas articulam-se à mobilização comunitária em favor de uma escola local, bem como à cultura esportiva do lugar. Trata-se de episódio pouco conhecido que ajuda a compreender as formas de organização dessa modalidade, os mecanismos de perseguição a ela e os apagamentos da memória sobre o desempenho dessa atividade atlética por garotas. Para sua elaboração, foram produzidos relatos orais com algumas participantes dos eventos e consultados jornais do período.

Palavras-chave: história do esporte; futebol de mulheres; ditadura; vespasiano.

Abstract:

The present article investigates the promotion of a series of matches between two women's teams, *Vespasiano* and *Oficina*. Those matches were realized, in 1968, in a small town called Vespasiano, situated near Belo Horizonte, the capital city of Minas Gerais State. Occurring in a moment of deepening of the prohibition on women's football practice in Brazil, which was expressly forbidden by the Sports National Council in 1965, those matches are articulated with communitarians mobilizations in favor of a local school, such as with the local sports' culture. This is a little-known episode that helps to understand the organization of this kind of sport, the arrangements of its persecution and the erasures in the memories about the football's practice by girls. For its writing, were produced oral reports with some participants of the events and consulted newspapers of that year.

Keywords: sports history; women's football; dictatorship; vespasiano.

Introdução

Em 28 de julho de 1968, o jornal *Estado de Minas*, diário impresso de maior circulação em Minas Gerais, trazia, em seu caderno de esportes, matéria que destacava:

O futebol feminino está de volta. Não é nenhuma novidade. Há algum tempo aqui, no Rio e em São Paulo, várias equipes foram formadas e diversas partidas disputadas. Há dias, na Rússia, a Federação Soviética de Futebol negou a um grupo de moças de Tiflis, na Geórgia, licença para se filiarem e disputarem partidas oficiais de futebol.

No Brasil o CND proibiu as mulheres de jogarem futebol. Agora Vespasiano tem a primazia de ter as duas únicas equipes de futebol femininas do país, em atividade. No domingo passado as moças da cidade fizeram seu primeiro jogo e hoje repetem a dose. À tarde, no Estádio do Independente, no final da rua Francisco Lima, 22 moças com idades que variam entre 12 e 20 anos, uniformizadas, calçando tênis e vestindo bermudas ou shorts correm atrás de uma bola oficial G-18.

O juiz é o Zé Fubá, um tipo popular de Vespasiano, que também é o técnico. Às 12,30 o jogo começa. A idéia do futebol feminino partiu das professoras do Grupo Escolar Padre José Senabre, que necessitavam de recursos para o Caixa Escolar que auxilia seus 385 alunos. Agora as meninas tomaram gosto e querem continuar jogando.

Vespasiano fica ali mesmo, a 36 quilômetros de Belo Horizonte (30, em marcha regular) em estrada asfaltada, aquela que vai para Lagoa Santa. O torcedor que quiser ver um futebol diferente do jogado no Mineirão, é só ir lá e ver como as meninas conversam com a bola.¹

A reportagem de página inteira, um espaço considerável até mesmo para partidas de futebol profissional, destacava detalhes e personagens do jogo que aconteceria naquele dia na pequena Vespasiano. Ilustrada com fotos das equipes e dos lances da disputa anterior, a matéria enfatizava a singularidade da atração esportiva. Aquele evento foi notícia em outros dois periódicos. No dia seguinte, o *Diário da Tarde*, jornal vespertino de perfil mais popular da mesma empresa responsável pelo *Estado de Minas*, os Diários Associados, fundada por Assis Chateaubriand, publicou outra cobertura extensa, informando sobre o desenrolar do certame². Igualmente, *O Estado de São Paulo*, por meio de um enviado especial de sua sucursal mineira, dedicou meia página ao ocorrido³.

As partidas protagonizadas por mulheres realizadas entre as duas equipes locais, o *Vespasiano* e o *Oficina*, resumiram-se a pequeno número de embates, que se concentraram

¹ "Futebol feminino é em Vespasiano". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4.

² "O futebol das moças de Vespasiano". *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

³ ORNELAS, Luciano. "Só um gol no jogo das moças". *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 29 de julho de 1968, Edição de esportes, p. 6.

naquele inverno de 1968. A um primeiro olhar, elas poderiam parecer acontecimentos isolados, que não desembocaram em fenômeno mais amplo, de maior duração. Contudo, como destaca Georges Duby em livro dedicado ao chamado “Domingo de Bouvines”, uma batalha ocorrida em 27 de julho de 1214, entre exércitos franceses e alemães, o exame do evento pode ser produtivo ao historiador justamente por sua singularidade.

Pelo próprio fato de ser excepcional, o acontecimento faz emergir, no afluxo de palavras que ele libera, vestígios que, se não nos detivéssemos nele, permaneceriam nas trevas, despercebidos, os traços mais banais de que raramente se fala no cotidiano da vida e sobre os quais nunca se escreve. (DUBY, 1993, p. 11).

Ao considerar a excepcionalidade representada pelas partidas disputadas pelas mulheres de Vespasiano, no período mais agudo da proibição do futebol feminino no Brasil, entende-se que essas foram eventos significativos para a compreensão das formas como a prática se realizava. Evidência dos modos pelos quais a reivindicação dessa atividade por garotas articulava-se com o desenvolvimento de uma cultura esportiva amadora em pequenas cidades e com mecanismos de mobilização comunitária. Por fim, esses jogos ajudam a entender como a vedação à participação feminina na modalidade se efetivava.

Para tanto, foram localizadas algumas das personagens dessa história. Por meio de relatos orais, essas agentes expuseram as percepções que têm sobre aquele evento ocorrido há cinquenta anos⁴. Seus depoimentos foram expressivos, inclusive, quanto às operações de memória por que aquela série de jogos passou. Poucos foram os registros produzidos sobre o acontecido, contudo, os pequenos rastros que sobreviveram ao tempo e ao esquecimento são ricos indícios da trajetória de uma prática esportiva tão escassamente documentada.

Nessa perspectiva, o exame do caso tratado no presente artigo mobilizou relatos orais recentes⁵ e textos jornalísticos produzidos à época do evento. A articulação dessas duas fontes permitiu a abordagens das operações de memória vivenciadas ao longo dos cinquenta anos que afastam o ocorrido dos dias atuais. Como será tratado ao final, entre boa parte das participantes, silêncios e esquecimentos, nos termos apontados por POLLAK, 1989, puderam ser identificados.

⁴ Foram realizadas duas visitas à cidade, na ocasião, foram feitos relatos orais com diversas das personagens. O que seria uma entrevista com a jogadora mais destacada, Edina de Aguiar Malta, a “Dininha”, acompanhada de meu informante local, o ex-jogador João Bosco dos Santos, o “Buião”, tornou-se um grande encontro entre as antigas atletas e reuniu Iolanda Maria Braga Viana, Elair “Deusinha” Lopes Viana, Maria das Graças “Bill” Rodrigues e Heloísa Helena “Ló” Araújo. Num segundo dia, foi entrevistada a ex-professora responsável pela formação das equipes, Iolanda Maria Braga Viana.

⁵ A produção e o tratamento das entrevistas se pautaram no método da História Oral, considerando-se as recomendações de obras referenciais da área, tais como ALBERTI, 2005 e THOMPSON, 1992.

Antes que seja apresentado o caso das partidas realizadas em Vespasiano, faz-se necessário pequeno panorama acerca da prática do futebol por mulheres no Brasil. Como aponta o historiador Georges Duby, é apenas em perspectiva com fenômenos de mais longa duração que o exame de um evento pode ser compreendido para além da mera narrativa.

Futebol de mulheres no Brasil

A participação feminina no desenvolvimento do futebol no Brasil extrapola a prática do jogo por mulheres. Ela se inicia, sobretudo, com a sua atuação na condição de torcedoras e incentivadoras dos times. A bibliografia do tema em diversas ocasiões registrou essa presença (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 45 e PEREIRA, 2000, p. 76).

Mulheres ocuparam papel de destaque nas mais diversas organizações dedicadas a apoiar as agremiações futebolísticas no país. A presença feminina pôde ser percebida ao longo de todo o século XX, independentemente da conformação da torcida a que se filiavam (HOLLANDA, 2008, p. 117, 154 e 251).

Quanto à sua participação dentro das quatro linhas, são esparsos os registros para as três primeiras décadas do século XX ^(RIGO et al, 2008, p. 174). Em que pese iniciativas dos anos 1930 (MOURÃO e MOREL, 2005, p. 76-77), é em 1940 que se identifica organização mais consistente do futebol de mulheres no país, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Por aquela época, ao menos uma dezena de equipes femininas estaria formada na capital federal, segundo dados do jornal *Folha da Manhã* (FRANZINI, 2005, p. 319).

Toda a movimentação gerada pelos times de mulheres no ano de 1940, inclusive com a promoção de partidas interestaduais em São Paulo e Minas Gerais (COSTA, 2017, p. 497-498), teria suscitado comentários contrários, os quais evocavam argumentos pretensamente científicos dos malefícios decorrentes da prática do futebol por mulheres. Proteção à “natureza feminina” e à maternidade eram os elementos centrais dos discursos condenatórios (FRANZINI, 2005, p. 321-323).

Por essa época, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde do Estado Novo já trabalhava na formulação de decreto-lei para a regulamentação do esporte no país. Como demonstra Fábio Franzini, as críticas decorrentes do desenvolvimento do futebol de mulheres não passaram despercebidas aos agentes que elaboravam o documento. Segundo destaca,

(...) a sugestão da “interferência dos Poderes Públicos em tais questões” parece ter sido acatada, uma vez que o Decreto-lei 3.199, que em abril de 1941 instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), afirmava em seu artigo 54 que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito,

o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.(FRANZINI, 2005, p. 322).

O Decreto-lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941 trata-se de um documento vasto, cujo objeto principal era estabelecer as bases de organização dos desportos no Brasil. Ele instituiu o Conselho Nacional de Desportos que se encarregou de indicar as diretrizes para o desenvolvimento esportivo no país. Essa normativa tem fortes traços do regime varguista, que a aproximam de outras regulamentações do período. Como observa Meily Linhales, suas implicações gerais eram as seguintes:

A partir dessa perspectiva disciplinar/corporativa que embasa o Decreto-Lei nº3.199/41, o esporte brasileiro passou a ser controlado pelo Estado (contra a autonomia); as entidades esportivas, tais como confederações e federações, foram oficializadas (contra a iniciativa privada e de grupos); o sistema esportivo sofreu uma verticalização linear de suas funções (contra o pluralismo); institucionalizou-se o “aparelhamento da ordem”, mediante a criação do CND (contra o poder estatutário que regia a organização de várias modalidades esportivas) e, finalmente, a “harmonia” e a “disciplina” passaram a ser as palavras-chave e de justificativa (contra o conflito). Assim, o Estado introduz, na organização esportiva, as intenções de controle e intervenção que paulatinamente foi construindo para tomar em suas mãos toda a sociedade brasileira. (LINHALES, 1996, p. 89-90).

Num contexto de centralização e controle sobre o desenvolvimento esportivo nacional, em suas disposições transitórias, o Decreto-Lei n. 3.199 previa no artigo 54 a vedação da prática, por mulheres, de desportos “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Estipulava, ainda, a posterior publicação das “necessárias instruções às entidades desportivas do país”⁶, regulamentação essa que levaria anos para ocorrer.

Contudo, em que pese a falta de especificação do rol de modalidades que estavam em desacordo com a “natureza feminina”, a publicação do Decreto-Lei foi suficiente para interromper o desenvolvimento do futebol de mulheres em diversas partes do Brasil. Na imprensa, o desaparecimento de notícias acerca das partidas foi imediato (COSTA, 2017, p. 498).

Durante as décadas que se seguiram, identificam-se transgressões esporádicas que expunham tentativas de manutenção da prática (RIAL, 2013, p. 119). Um dos casos

⁶ Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 10 fev. 2018.

documentados refere-se à organização de times de futebol de mulheres no Rio Grande do Sul no início dos anos 1950, especialmente na cidade de Pelotas. Ali, *Vila Hilda Futebol Club* e *Corinthians Futebol*, “dois clubes de bairro que mantinham também times masculinos e possuíam uma estrutura com sede social e campo próprios”(RIGO et al, 2008, p. 176), organizaram equipes femininas que realizaram jogos na cidade e em outras localidades gaúchas. Suas atividades teriam se estendido de maio a novembro de 1950, quando finalmente foram notificados pelo Conselho Nacional de Desportos – CND da proibição (RIGO et al, 2008, p. 176).

Outra ocorrência representativa refere-se às “Partidas beneficentes disputadas por vedetes e promovidas por empresários na segunda metade dos anos 1950” que “foram alvo de disputa entre o CND e os envolvidos em sua organização.” (SILVA, 2015, p. 10) Em 1959, esse tipo de certame ganhou maior notoriedade com o anúncio de disputa que teria lugar no Estádio do Pacaembu. Isso aprofundou a tensão com a CND, a justiça foi acionada para a viabilização dos eventos, mas, por fim, houve a desistência dos promotores (SILVA, 2015, p. 11-13).

Os anos de 1950 foram um momento de expansão das iniciativas para retomada da prática, como atestam casos em estados como Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Toda essa movimentação, viu-se frustrada com a ascensão do regime autoritário e com um fortalecimento da atuação da CND (SILVA, 2015, p. 33-37). No que se refere ao futebol feminino, houve a publicação da Deliberação nº 7 da CND que estabelecia como práticas não permitidas às mulheres “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”⁷.

Após a regulamentação das modalidades vedadas, cumprindo previsão do artigo 54 do Decreto-Lei n. 3.199 de 1941, verifica-se, a partir da metade da década de 1960, o desaparecimento das notícias sobre o futebol de mulheres no Rio de Janeiro e em São Paulo (COSTA, 2017, 498; MOURÃO e MOREL, 2005, p. 78 e SILVA, 2015, p. 38). O tema retornaria à pauta por meio de notícias internacionais, que davam o panorama do desenvolvimento da modalidade, com foco especial na Europa (SILVA, 2015, p. 38-39).

Em que pese algumas notícias pontuais em inícios dos anos 1970, predominantemente no âmbito do futebol de várzea, o assunto só ganharia destaque novamente nas páginas dos periódicos no final da década, já dentro do processo de liberação da prática (COSTA, 2017, 498-500; MOURÃO e MOREL, 2005, p. 79-80 e SILVA, 2015, p. 38-79). Em 1979, houve a revogação da deliberação do Conselho Nacional de Desportos (GOELLNER, 2005, p. 147).

A prática oficializada do futebol por mulheres ainda dependeu de deliberação publicada pelo CND, no ano de 1983, com o estabelecimento de regras para a modalidade feminina no país. Nesse ínterim, a defesa da livre prática desse esporte foi incorporada como pauta do movimento feminista emergente no Brasil, sendo, inclusive, tema do 1º Festival

⁷ Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos de 7 de agosto de 1965. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

Nacional das Mulheres nas Artes realizado, em São Paulo, em setembro de 1982 (SILVA, 2015, p. 80-116).

Foi justamente no período mais acirrado da perseguição ao futebol de mulheres no Brasil, marcado pela regulamentação do rol de modalidades vedadas às praticantes do sexo feminino, que ocorreram as partidas entre *Vespasiano* e *Oficina* na cidade de Vespasiano. A partir desse panorama da prática, passa-se ao exame do caso, numa tentativa de conectá-lo ao cenário mais amplo da modalidade.

As partidas Vespasiano x Oficina e o futebol de mulheres em Vespasiano

Como informado pelo jornal *Estado de Minas*, no trecho citado anteriormente, a formação das equipes partiu da iniciativa de professoras do Grupo Escolar Padre José Senabre. A realização da primeira partida entre os dois times femininos tinha caráter beneficente, o que aproxima esse caso de outras experiências relacionadas que se deram durante o período da proibição. Para que se compreenda melhor o contexto em que o jogo foi promovido, é necessário abordar as questões que envolviam a instituição de ensino à qual as idealizadoras da disputa eram vinculadas.

Vespasiano, no final da década de 1960, era uma cidade de cerca de sete mil habitantes⁸. Faz parte da Região Metropolitana da capital mineira desde os anos 1970, quando a mesma foi instituída. Por essa época, a principal atividade econômica da localidade era agrícola, com produção familiar voltada ao abastecimento da vizinha Belo Horizonte. Muitos dos pais e familiares das jogadoras entrevistadas se dedicavam a essa atividade. Mesmo dentro dos limites urbanos, era comum a presença de chácaras, em terrenos amplos, onde o cultivo se desenvolvia⁹.

Por essa época, a cidade começava a expansão para outras áreas além de seu núcleo original, com a criação de novos bairros, a exemplo do Celvia. Ali, em meados da década de 1960, fora criado o Grupo Escolar Padre José Senabre, o segundo da cidade. A nova instituição de ensino contava com equipe de professoras que, na maioria, havia se formado recentemente e ingressado no ensino público por meio de concursos promovidos pelo Estado.

Resultado da expansão da rede educacional local, o Grupo Escolar Padre José Senabre sofria com a falta de infraestrutura. Feito de material pré-moldado, o prédio era

⁸ Cf. "Futebol feminino é em Vespasiano". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4 e "O futebol das moças de Vespasiano". *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

⁹ Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina "Dininha" de Aguiar Malta, Elair "Deusinha" Lopes Viana, Maria das Graças "Bill" Rodrigues, João "Buião" Bosco do Santos e Heloísa Helena "Ló" Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.

apelidado de “escola de lata”¹⁰. Por essa época, boa parte dos recursos que financiavam as atividades das instituições de ensino estaduais eram decorrentes do chamado caixa escolar. Estabelecido pela Lei Bueno Brandão de 1911, que complementou a Reforma Escolar do Estado de Minas Gerais de 1906, esse instituto tinha por finalidade fomentar e impulsionar a frequência escolar, especialmente, dos alunos mais carentes. Com o passar do tempo, seu uso foi sendo alargado de modo a compor o sistema de financiamento da educação (CARVALHO e BERNARDO, 2012, p. 145-146).

Os recursos do caixa escolar

(...) eram adquiridos através de algumas fontes peculiares, quais sejam: as jóias e subvenções pagas pelos sócios; o produto das subscrições, quermesses, teatros, festas, etc.; donativos espontâneos e legados; gratificações às quais não fariam jus os professores licenciados ou faltosos, que deviam ser solicitados pelo diretor à Coletoria local; e finalmente, com o produto líquido das multas do art. 414 n. 10. Eventualmente, as câmaras municipais destinavam recursos para as Caixas Escolares. (CARVALHO e BERNARDO, 2012, p. 147).

Como se pode perceber, eram verbas extraordinárias, que não vinham diretamente do executivo estadual. Boa parte delas era fruto de campanhas de arrecadação que, muitas vezes, eram empreendidas pelos funcionários das escolas. Iolanda Maria Braga Viana era uma professora recém-formada quando chegou ao Grupo Escolar Padre José Senabre em meados dos anos 1960. Ela se recorda que, desde os primeiros dias de trabalho, ficou clara a centralidade do caixa escolar e da mobilização por recursos complementares:

A professora já ia sabendo que... que além de dar aula, ela tinha que lutar para a sobrevivência dessa... desse lado social da escola. (...) Tudo, tudo passava pela luta das professoras, nós fizemos... tanto é que naquele tempo tinha... surgia os chamados “Serões de junho”, era Festa Junina muito forte, inclusive teve um ano que a minha aluna ganhou o primeiro lugar, era pedindo mesmo, a gente fazia movimento, eu tenho o troféu. Você entendeu? De campeã, primeiro lugar do “Serão de Junho”, era... era dinheiro que a gente levava. Pedindo, pedindo, pedindo, pedindo... fazendo pedágio, você entendeu? (...) Era tudo para essa finalidade, ainda chegava no dia da Festa Junina a gente trabalhava muito, por quê? Porque cada professora ficava encarregada de uma barraca. Então, por exemplo, aquelas que trabalhavam com as crianças menores, como era o meu caso, era barraca da pesca. Porque sabia que a meninada ia ficar ali perto da gente,

¹⁰ Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.

não é? Então, barraca da pesca que acabava dando um dinheirinho para a escola. A gente sobrevivia de movimento de professora.¹¹

Boa parte dos recursos do caixa escolar do Padre José Senabre era originária da arrecadação promovida pela equipe do grupo. Como narrado por Iolanda, as Festas Juninas ocupavam posição de destaque no levantamento de verbas. Esse dinheiro era tão central no dia a dia da instituição de ensino que a professora já incorporava a promoção de eventos como parte de suas tarefas rotineiras. Em uma cidade agrícola como Vespasiano, havia também o rodízio entre produtores, que doavam gêneros alimentícios para complementar a merenda escolar¹².

Ao contrário da previsão da lei que criara o caixa escolar, muitas vezes os recursos eram destinados para outros fins que não o combate à evasão de alunos. Serviam à resolução de problemas estruturais da escola recém-inaugurada e à aquisição de materiais, como tesouras e livros. E, nesse sentido, quando o muro de arrimo nos fundos do prédio onde a instituição de ensino funcionava começou a ceder, foi necessário o desenvolvimento de novas estratégias de arrecadação.

Como informou o *Diário da Tarde*, em reportagem sobre o futebol de mulheres: “Iolanda e as outras professoras fizeram rifas, horas dançantes, até pediram dinheiro nas casas. Nada adiantou, não deu para pagar nem a metade das dívidas.”¹³ A partir disso, uma nova forma de levantar os valores precisava ser pensada. A opção escolhida por Iolanda e suas colegas seria a promoção de partidas de futebol feminino.

Para que se compreenda essa escolha, é importante observar o meio esportivo local. Sua constituição ajuda a compreender alguns dos aspectos de como o futebol de mulheres ocorreu na cidade.

Vespasiano atingiu certa notoriedade pela revelação de atletas profissionais de futebol. Dentre eles, destacam-se Afonso Silva, o Afonso Bandejão - que atuou como zagueiro do *Atlético Mineiro* entre 1945 e 1958 -, João Bosco dos Santos, o Buião - que jogou pelo *Atlético* de 1964 a 1968, tendo depois passagens por *Corinthians*, *Flamengo* e *Grêmio* - e Éder Aleixo - revelado pelo *América*, atuou em diversos clubes do Brasil e do exterior, tendo disputado a Copa do Mundo de 1982 como titular da Seleção Brasileira¹⁴.

No que se refere às agremiações de futebol, a cidade tinha a polarização entre duas equipes, o *Vespasiano Esporte Clube* e o *Independente Futebol Clube*. Cada uma delas

¹¹ *Idem*.

¹² Cf. *Idem*.

¹³ “O futebol das moças de Vespasiano”. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

¹⁴ Cf. Enciclopédia Galo Digital. Verbetes: Afonso Silva, João Bosco dos Santos e Éder Aleixo de Assis. Disponível em: < <http://www.galodigital.com.br> >. Acesso em: 16 fev. 2018.

possuía um estádio, sendo que, em finais dos anos 1960, os campos eram praticamente vizinhos. Por essa época, desenvolvia-se a disputa de um torneio regional que reunia nove equipes, com competidores de Vespasiano e das vizinhas Lagoa Santa, Santa Luzia e Pedro Leopoldo. Tratava-se de um campeonato amador, como era todo o esporte por ali.¹⁵

Situado fora do circuito profissional, o futebol em Vespasiano cultivava cerimônias tradicionais, a exemplo dos festivais esportivos realizados por ocasião do aniversário do clube. Essas celebrações concentravam partidas em um dia inteiro, iniciadas com os jogos dos quadros infantis e juvenis, ainda na parte da manhã e finalizadas pela apresentação do chamado primeiro quadro, a equipe principal adulta da agremiação. Como adversários, eram convidados rivais clássicos ou equipes de renome de cidades vizinhas. Cada um dos certames envolvia a disputa de um troféu, normalmente oferecido pelo patrono, figura convidada que se encarregava da compra da premiação. O embate de fundo, que fechava a festividade, era antecedido por um desfile, no qual os jogadores da agremiação da casa iam da sede, na área central, até o campo da entidade, em uniformes, acompanhados pelas madrinhas, que poderiam ser a esposa, a namorada ou uma irmã.¹⁶

Esse e outros costumes demarcavam uma cultura própria do futebol amador em pequenas localidades como Vespasiano. A ausência de torneio regular que se estendesse por longo período fazia com que a prática fosse caracterizada principalmente pelos amistosos, pelas excursões a cidades vizinhas e pelos já citados festivais esportivos. A presença nos campos do *Vespasiano* e do *Independente*, aos domingos, delineava a sociabilidade local, inclusive das mulheres, que participavam ativamente das torcidas.

Foi nesse cenário esportivo que as professoras do Grupo Escolar Padre José Senabre tiveram a ideia de usar o futebol como mecanismo para arrecadar os recursos para a reconstrução do muro de arrimo. Em busca de estratégias mais eficientes, já haviam tentado a realização de um bingo, autorizado pelo delegado local, Jorge Elias¹⁷.

Ainda que soubessem da proibição ao futebol de mulheres no Brasil, as professoras, capitaneadas por Iolanda Braga, resolveram ir atrás de garotas que estivessem dispostas a compor as equipes, tarefa inicial que foi facilmente concluída. Como se recorda a responsável pelo recrutamento, em uma única tarde os times foram montados, sendo que todas as candidatas moravam na rua principal de Vespasiano. Eram adolescentes e jovens, de doze a vinte e poucos anos, todas solteiras, algumas estudantes, outras já inseridas no mercado de trabalho. Praticamente nenhuma tinha tido contato com aquela modalidade esportiva, à exceção das irmãs de Buião, então jogador do Corinthians, Clarice e Dora, e da mais jovem da turma, Dininha.

¹⁵ Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.

¹⁶ Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina “Dininha” de Aguiar Malta, Elair “Deusinha” Lopes Viana, Maria das Graças “Bill” Rodrigues, João “Buião” Bosco do Santos e Heloísa Helena “Ló” Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.

¹⁷ Cf. “Futebol feminino é em Vespasiano”. Estado de Minas. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4.

O caso de Dininha é representativo das limitações impostas por modelos pré-concebidos de feminilidade e das possibilidades existentes para a prática do futebol por mulheres durante as décadas de proibição. À época, com 12 anos de idade, Edina de Aguiar Malta era, como a maioria das crianças do lugar, filha de uma família de produtores rurais, e vivia o cotidiano entre a escola, as brincadeiras e a ajuda à lida diária daqueles pequenos agricultores. Muito ativa, enfrentava regularmente problemas de disciplina dentro e fora de sala de aula. Sua principal diversão, naquela época, era jogar futebol com os garotos, no campinho que havia nos fundos de sua casa. Com postura de liderança, era ela quem apartava as brigas frequentes que surgiam por conta do jogo. Tal conduta garantia que não se intimidasse e, demonstrando habilidade para a prática, destacava-se mesmo entre garotos. Seu envolvimento com a modalidade não era bem visto pela mãe, que a repreendia constantemente, o que obrigava que, muitas vezes, vivenciasse a atividade no espaço limitado do quintal de casa.

Essa postura, que tencionava com os padrões de feminilidade esperados para a época, persistiria na adolescência, quando, depois de comprar uma motocicleta, passou a dedicar-se ao MotoCross, prática que abandonou depois de alguns acidentes, além da reprovação do marido, com quem se casara aos dezoito anos e teria seus filhos¹⁸.

Outra jogadora destacada da cidade, que atuaria em clubes de Belo Horizonte já em finais da década de 1970, momento de liberação do futebol para mulheres, Heloisa Helena Araújo, mais conhecida como Ló, também apontou em seu depoimento essa aproximação entre o gosto pelo jogo como parte de uma personalidade que reivindicava outros lugares para as mulheres naquela sociedade interiorana. Em seu depoimento rememorou junto a Deusinha, antiga massagista do time, sua trajetória:

Ló: Meu pai tinha um armazém, ele comprava... numa casinha velha assim na época, ele comprava arame de cobre, enquanto ele ficava lá comprando arame de cobre na mão dos meninos que vendiam, ele punha a gente para fazer massa, para fazer tijolo. Fazia duas masseiras todo dia. Eu limpava carro que ele mandava eu limpar, eu fui... e sozinha até hoje, você não acredita. Não larguei a profissão, Deusinha. Só não faço massa.

Deusinha: Olha, sabe o que é que ela faz? Ela mexe com constru... com pintura de casa.

Ló: Eu não nasci para limpar casa...

Deusinha: Ela mexe com esse negócio de pintar parede.

Ló: Lavar roupa eu não sei, minha coluna dói, meu filho. Doí, Deusinha, eu estou te falando que dói, quando eu vou torcer, nossa! Agora, outra... capinar, pegar carrinho, pintar... eu mexo com pintura, agora tem que ser

¹⁸ Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina “Dininha” de Aguiar Malta, Elair “Deusinha” Lopes Viana, Maria das Graças “Bill” Rodrigues, João “Buião” Bosco do Santos e Heloísa Helena “Ló” Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.

mais leve, que eu estou ficando mais velha, né? Aí agora eu estou só pintando mesmo, mas carregar carrinho, esses “trem”, eu não mexo com isso mais não. A minha vida sempre foi assim, serviço só de homem. Tem gente que passa e diz assim: “Nossa, Lô, você parece homem.” Eu falo: “Parece homem é o dinheiro que eu ganho, meu filho!” Não é não Deusinha?

Deusinha: Inclusive tem uma filha muito bonita!

Lô: É pelo serviço que eu faço.

Deusinha: Né, tem uma filha?

Lô: Duas, duas...¹⁹

Trajetórias como as de Lô e de Dininha, identificadas com a prática regular do futebol desde a infância, apontam para as limitações de acesso ao jogo naquele tempo. Tendência essa que, mesmo depois de quase quarenta anos do fim da proibição, ainda inviabiliza o ingresso de inúmeras meninas na modalidade.

Os casos de Clarice e de Dora também apontam para outra possibilidade de maior acesso à prática que se abria no caso de famílias esportivas, como era a de Buião, na qual quase todos os irmãos e as irmãs dedicavam-se às atividades atléticas²⁰. Dentre as recrutadas por Iolanda, ainda havia algumas que se envolviam com outras modalidades, a exemplo do vôlei, mas a maioria não tinha nos exercícios físicos algo que compunha sua rotina.

Feita a seleção das jogadoras, a tarefa seguinte era viabilizar um campo e os materiais esportivos. Para tanto, Iolanda e as demais professoras contaram com um importante aliado, o massagista da equipe do *Vespasiano*, José Drumond, chamado por todos de Zé Fubá. Reconhecido personagem local, destacava-se pela extravagância das roupas e do comportamento, com longos cabelos loiros, era muito identificado com o Carnaval e com o futebol da cidade. Às vezes se aventurava como juiz em jogos locais²¹.

Foi por seu intermédio que conseguiram o primeiro jogo de camisas para as partidas de mulheres, um conjunto de uniformes do *Vespasiano Esporte Clube* pertencente à equipe masculina adulta. A participação do rival histórico, o *Independente Futebol Clube* se deu com a cessão do campo. Como se recorda Iolanda:

Não, primeiro jogo ia ter um jogo dos... jogo normal, não era campeonato nem nada, e ia ter um jogo e aí nós pedimos se nós podíamos jogar e aí eles deixaram a gente jogar, antes do deles, mas já com portaria, por que às vezes era até portão aberto [...] Era portão

¹⁹ *Idem.*

²⁰ Cf. *Idem.*

²¹ Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.

aberto, porque aqui o povo não pagava para ir não, porque senão não ia. Mas nesse pagou. Nesse pagou!²²

Segundo a ex-professora, as garotas conseguiram fazer sua primeira partida como preliminar de um jogo amistoso comum que seria realizado pelo time do *Independente*. Era o tipo de evento para o qual não se cobravam entradas, dada a pouca atratividade da disputa. Mas, a novidade do jogo de meninas fez com que houvesse maior interesse pelo certame, cuja arrecadação da portaria foi toda destinada às obras do muro do Grupo Escolar Padre José Senabre.

Além do *Independente*, o time de garotas contou com o apoio de uma terceira equipe local, o *Oficina*. A agremiação recém-fundada pertencia a Biquinho, dono de uma oficina mecânica, o que explica o nome do clube. Sua esposa, Inês, próxima às professoras, viabilizou a cessão do segundo jogo de camisas. Igualmente masculino, os uniformes quase alcançavam os joelhos das mais novas, como Dininha. Estava assim formada a disputa entre *Vespasiano* e *Oficina*, que iria movimentar a pequena cidade naquele inverno de 1968²³.

Segundo Iolanda, o valor arrecadado na partida inicial - que, como noticiado pelos jornais, foi de NCr\$ 180,00²⁴ - teria sido suficiente para arcar com quase a totalidade da melhoria. Em que pese isso, o interesse de público despertado pela disputa dos times femininos fez com que o *Independente* convidasse as garotas a seguirem fazendo a abertura de seus jogos²⁵.

Dessa vez, a participação não se centrava na motivação inicial da arrecadação, mas no desejo de as mulheres continuarem a praticar o futebol. Toda a atenção alcançada e o prazer descoberto com a atividade mobilizava aquele grupo de garotas. Como acordado, a bilheteria seria dividida entre os times femininos e o *Independente*. Foi nessa nova dinâmica que seguiram ocorrendo os jogos entre *Vespasiano* e *Oficina*²⁶.

Um aspecto dos jogos femininos que remete à cultura do futebol amador refere-se às possibilidades de conciliação entre engajamento competitivo e momentos lúdicos e jocosos. A exemplo de partidas festivas, nas quais brincadeiras entre jogadores e a assistência são recorrentes, os jogos entre *Vespasiano* e *Oficina* tinham, por meio das figuras

²² *Idem*.

²³ Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina “Dininha” de Aguiar Malta, Elair “Deusinha” Lopes Viana, Maria das Graças “Bill” Rodrigues, João “Buião” Bosco do Santos e Heloísa Helena “Ló” Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.

²⁴ Cf. “O futebol das môças de Vespasiano”. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

²⁵ Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.

²⁶ Cf. *Idem*.

do juiz Zé Fubá e da massagista Deusinha, a criação desses instantes. Em seu relato, Iolanda se recorda de algumas dessas situações:

Vamos supor, é... a Deusinha, você viu a figura até hoje. Até com a idade dela que tá, né? Mas é aquela figura. Então, por exemplo, se uma caía e machucava mesmo, mas se falasse que era no ombro ela ia e passava no pé. Por farra, de farra, entendeu? Primeiro ela passava no pé. Porque ela gostava, já sabe (fazendo gesto referente à bebida) (risos), então ela de cara falou assim: “Eu não vou jogar, mas massagista eu vou aceitar”.²⁷

Todo o clima de novidade e diversão proporcionado pelas partidas femininas, nas quais familiares, amigos e namorados interagiam com as atletas e se envolviam com os lances, fez com que os jogos chamassem a atenção da imprensa de Belo Horizonte. Por se tratar de cidade vizinha, onde os moradores de Vespasiano vendiam seus produtos, as notícias das disputas que vinham dando o que falar na pequena cidade rapidamente se alastraram pela capital.

Nessa medida, uma partida que ocorreria no dia 28 de julho de 1968, um domingo, como parte da programação de festival promovido pelo *Independente*, recebeu ampla cobertura da imprensa, sendo noticiada pelos jornais *Estado de Minas*, *Diário da Tarde* e *O Estado de São Paulo*. Nessa ocasião, *Vespasiano* e *Oficina* se enfrentariam em disputa que comporia o meio do programa, antecedendo os jogos do primeiro e do segundo quadro do time anfitrião. As mulheres ficavam, assim, restritas ao ingrato horário de meio dia e meia. Coube a Buião ser o patrono e oferecer o troféu para as vencedoras, além de dar o pontapé inicial do certame.

A ampla cobertura que o jogo ganhou do *Estado de Minas* que, na edição daquele domingo, dedicou uma página inteira à partida de futebol feminino, alertou as autoridades locais para a dimensão que aquelas disputas alcançavam e a forma como os problemas municipais estavam repercutindo para além de Vespasiano. A questão do Grupo Escolar José Padre Senabre aparecia nas falas das integrantes da equipe, como na declaração de Deusinha, massagista dos times:

“O importante de tudo, não é o fato das meninas jogarem futebol e sim os motivos que nos levaram a promover as partidas. Através do futebol, que atrai a atenção de todos, estamos denunciando uma série de problemas que envolvem nossos Grupos e seus alunos. Com a presença dos jornais, televisões e rádios, a nossa campanha de conseguir recursos para os alunos pobres sairá vitoriosa. Descobrimos o futebol como uma forma de integração e de ajuda num problema social. Estamos juntando o útil ao agradável. Ao mesmo tempo que ajudamos nossos alunos, temos uma experiência nova e divertida. Antes conhecíamos o futebol nas arquibancadas vendo os outros jogarem, agora estamos participando

²⁷ *Idem*.

efetivamente e vivendo as emoções que ele oferece. Nossa intenção é a melhor possível, espero que ninguém nos interprete mal.”²⁸

Com discurso que apontava para forte consciência sobre a repercussão social das partidas e sobre as possibilidades de apropriação do futebol, tanto como mecanismo de mobilização, quanto como um divertimento, Deusinha desnudava problemas educacionais do município. Igualmente, a notoriedade do jogo atentou as autoridades sobre a prática do esporte proibido para mulheres. Não por acaso, um membro do Conselho Nacional de Desportos – CND esteve presente e tentou impedir a realização da disputa. Como apontou matéria de *O Estado de São Paulo*,

O jogo das meninas foi com bola de vôlei porque o CND proibiu uma oficial. Um representante do CND esteve sábado em Vespasiano e queria proibir o jogo. Mas as meninas explicaram que era um jogo em benefício de grupo escolar local e ele acabou permitindo.²⁹

A matéria produzida pelo repórter Luciano Ornelas, enviado especial de *O Estado de São Paulo*, destoava daquelas produzidas pelo *Estado de Minas* e pelo *Diário da Tarde*. Enquanto os jornais belo-horizontinos exaltavam o ineditismo da iniciativa das garotas de Vespasiano, o periodista da imprensa paulistana produziu um relato ácido que destacava a violência da partida, a insensatez de Zé Fubá, classificado como “um doido”, e até a pouca receptividade que Buião tinha em sua cidade natal.

²⁸ “Futebol feminino é em Vespasiano”. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4.

²⁹ ORNELAS, Luciano. “Só um gol no jogo das môças”. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 29 de julho de 1968, Edição de esportes, p. 6.

Figura 1 - Zé Fubá acompanha lance protagonizado por Dininha em treino. “Futebol feminino é em Vespasiano”.

Fonte: *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28 de julho de 1968, Caderno de esportes, p. 4.

Em reportagem do *Diário da Tarde* nem tudo eram elogios. Há passagem da matéria em que o repórter cita a surpresa causada entre a assistência por toda a técnica demonstrada por Dininha e por seu modo altivo de se portar³⁰. De cabelos curtos, teria sido confundida com um menino. Como Iolanda aponta em seu relato, tal questionamento teria partido do próprio repórter.

Não, eles chegaram, esse aqui do jornal Estado de Minas e do Diário da Tarde, no dia eles chegaram, perguntaram. Teve um deles até que questionou, um dos jornais que fala, e é verdade, sobre a Dininha. Porque

³⁰ Cf. “O futebol das môças de Vespasiano”. *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

ela jogava com tanta confiança e com tanto conhecimento que ela realmente... porque ela jogava com os irmãos, com os colegas de escola na rua. Então eles questionaram sobre se ela era menino. É, aí no jornal fala e realmente questionou. E eu falei, não, ela é menina e mostrei a certidão de nascimento dela.³¹

Figura 2 - Dininha carregada ao final da partida. “O futebol das môças de Vespasiano”.

Fonte: *Diário da Tarde*. Belo Horizonte, 29 de julho de 1968, 1ª edição, p. 26.

Toda a exposição dos problemas locais e a pressão do CND para o encerramento dos jogos fazia com que cada vez fosse mais difícil manter a prática. Exigências de documentação e de autorização dos pais foram alguns dos empecilhos colocados, além do já citado uso de bola de vôlei em lugar da oficial de futebol. Apesar disso, mobilizando a natureza benéfica das disputas, as garotas seguiram promovendo os jogos até a interrupção definitiva, conforme relatou Iolanda.

Até que realmente, aconteceu isso aqui... eles proibiram. Que naquele tempo era CND, né? Conselho Nacional dos Desportos, né? Aí, só sei que

³¹ Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana concedida ao autor em 3 de fevereiro de 2018.

proibiram. Ah, antes exigiu... você não viu que nós tivemos que jogar com bola de vôlei? As meninas reclamaram, porque aí teve um jogo que foi proibido, aí, “Não, nós já havíamos tratado, já vendemos os ingressos”, porque vendia até antes. Então, “Ah, mas vocês não vão poder jogar, não”. Então, “com essa bola não pode, mulher não pode, essa bola é muito pesada para mulher”. Então deram uma bola de vôlei. As meninas reclamaram o tempo todo porque a bola era mais leve, qualquer chutinho que elas davam a bola... a bola ia lá. Entendeu? Então elas reclamaram. Assim que funcionou, e depois foi realmente proibido pela CND.³²

As disputas *Vespasiano* e *Oficina* não passaram de algumas poucas partidas. Depois de seu encerramento, apenas Dininha e as irmãs de Buião, Clarice e Dora, seguiram praticando futebol nos campinhos da cidade, sem participação em novos certames. Depois de adultas, nenhuma delas jogava mais. Dininha ainda é reconhecida em Vespasiano como uma mulher que levava jeito com a bola. As demais participantes são lembradas apenas pelos contemporâneos, sendo suas passagens pelos campos totalmente desconhecidas pelos mais jovens. Em alguns casos, até mesmo os filhos não sabiam dessa faceta da trajetória de suas mães. Novas futebolistas, como Ló, formaram-se em Vespasiano, mas não se tem notícia de realização de disputas entre duas equipes da cidade desde então³³.

Interessante notar os padrões dos silêncios que contornam a memória sobre essas partidas de mulheres. Eles articulam operações de lembranças individuais e coletivas. Como destacado neste artigo, boa parte das atletas teve experiência futebolística que se restringiu a esses eventos. Para elas, tal ocorrido tem pouca centralidade na construção da percepção sobre si. O que não acontece no caso de Dininha, que tem forte vinculação com a prática do esporte e que tem nessa passagem algo importante para sua trajetória de vida.

Da mesma forma, ao examinar a memória coletiva sobre o caso, é necessário considerar conflitos e ressentimentos que se mantiveram encobertos pelo silêncio sobre o caso, especialmente em torno de preocupações das elites locais com a exposição de problemas da organização escolar da cidade e das proibições impostas por um órgão federal com a colaboração das autoridades municipais.

Nos termos apontados por POLLAK (1989) tais silêncios revelam inconformidades de narrativas individuais frente a memórias coletivas que escamoteiam os conflitos vivenciados naquela pequena cidade. Uma tendência recorrente para narrativas sobre práticas e grupos subalternizados, tal como o futebol de mulheres.

Conclusão

³² *Idem*.

³³ Cf. Entrevista de Iolanda Maria Braga Viana, Edina “Dininha” de Aguiar Malta, Elair “Deusinha” Lopes Viana, Maria das Graças “Bill” Rodrigues, João “Buião” Bosco do Santos e Heloísa Helena “Ló” Araújo concedida ao autor em 19 de janeiro de 2018.

A série de partidas de futebol de mulheres *Vespasiano x Oficina* foi fenômeno esporádico que teve lugar em uma pequena cidade vizinha à capital mineira. Em que pese a abrangência do caso, ao examiná-lo em perspectiva, é possível identificar tendências que passaram a trajetória dessa prática esportiva em tempos de proibição no Brasil.

A associação com uma cultura atlética amadora, a realização de disputas com fins beneficentes, a contestação dos limites impostos pelos padrões de feminilidade da época e os subterfúgios para adiar a vedação completa pelo CND apontam para algumas das estratégias adotadas pelas mulheres que desejavam praticar o futebol. Mesmo em um contexto de proibição, ainda que por curtos períodos, o fenômeno demonstrava não ter sucumbido por completo.

No entanto, esse caráter espasmódico da atividade lança um desafio para pesquisadores e pesquisadoras que tentam revisitar a trajetória do futebol de mulheres no país. Como apontado no caso de Vespasiano, muitas vezes a própria memória local opera esquecimentos sobre o ocorrido, silenciado como tantas outras realizações femininas ao longo da história.

Com o presente artigo, espera-se fazer pequena contribuição para o processo de redescoberta de prática que fora por tanto tempo proibida e esquecida em nosso país. Apenas, por meio desse “garimpo” de histórias, será possível reconstituir a trajetória da participação feminina no futebol do país e compreender de forma mais abrangente esse fenômeno. O esforço empírico de registrar casos como o das garotas de Vespasiano é fundamental para o dimensionamento das barreiras que mulheres precisaram superar e que, ainda hoje, enfrentam para simplesmente praticarem o esporte que gostam. Ter isso em conta permite compreender e tentar superar limites estruturais que persistem para o desenvolvimento da modalidade.

Artigo recebido em 27 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 4 de jul. 2018.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CARVALHO, Rosana Areal de e BERNARDO, Fabiana de Oliveira. “Caixa escolar: instituto inestimável para a execução do projeto de educação primária”. *Educação em foco*, v. 16, n. 3, Juiz de Fora, setembro de 2011/ fevereiro de 2012, p. 141-158.

COSTA, Leda Maria da. “O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980”. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 13, Rio de Janeiro, 2017, p. 493-507.

DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FRANZINI, Fábio. “Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, São Paulo, 2005, p. 315-328.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, v.19, n. 2, São Paulo, jun. 2005, p.143-151.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1988)*. 2008. 771 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos*. 1996. 242 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. “As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 2, Campinas, SP, jan. 2005, p. 73-86.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989, Rio de Janeiro, p. 3-15.

RIAL, Carmen. “El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil”. *Nueva Sociedad*, n.248, nov/diec. 2013, Buenos Aires, p. 114-126.

RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia Garcia; THEIL, Larissa Zanetti e AMARAL, Marcela. “Notas sobre o futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 29, n. 3, Campinas, maio de 2008, p. 173-188.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SILVA, Diana Mendes Machado da. *Futebol de várzea em São Paulo: a Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)*. São Paulo: Alameda, 2016.

SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*. 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.